

PREVALÊNCIA DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Júlia Rosa Santos Sousa¹; Gislene Farias de Oliveira²; Mônica Maria Siqueira Damasceno³; Ana Cristina de Oliveira e Silva⁴

Resumo

Burnout é uma Síndrome, considerada em muitos estudos como um dos indicadores de bem-estar subjetivo. É avaliada através de uma medida geral, relativa a um tipo de estresse laboral. Este estudo discute a Síndrome de Burnout em professores do Colégio Estadual Wilson Gonçalves em Crato, Ceará. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário de Burnout de Maslash. Trata-se de uma escala de 7 pontos, que varia de 0 (nunca) a 6 (todo dia), complementada por uma entrevista semi-estruturada, informações sócio-demográficas, a exemplo de sexo, idade, religião, quantidade de locais de trabalho, se trabalha em horário noturno, dentre outras. O método envolveu análise quantitativa dos dados através do programa estatístico SPSS, versão 11.5, bem como análise de conteúdos para avaliar as representações sociais de ser professor, bem como as vantagens e desvantagens dessa profissão. Os resultados demonstraram índices preocupantes no nível de despersonalização alto (31,8%) e médio Envolvimento Pessoal no Trabalho, em 10,6 % da amostra. Além disso, 42,3% apresentaram níveis médio a alto em Exaustão emocional. Estes resultados estão de acordo com a representação social dos docentes sobre “ser professor”. As representações sociais foram associadas a Dificuldades laborais, isto é, 26,4% das falas eliciadas nesta categoria, diziam respeito a: *cansaço, desvalorização, pressão, falta de tempo, muito trabalho*, etc. Portanto, uma boa parcela dos Professores apresentou fases bem consideráveis da síndrome de *burnout*, porém passíveis de tratamento.

Palavras-chave: Professores, Síndrome de *burnout*, Estresse laboral,

PREVALENCE OF BURNOUT SYNDROME IN PROFESSIONAL EDUCATION

Abstract

Burnout is a syndrome, considered in many studies as an indicator of subjective well-being. It is evaluated by a general measure relating to a type of labor stress. This study discusses the Burnout Syndrome in the State School Teachers Wilson Gonçalves in Crato, Ceará. To collect the data we used the Burnout Inventory Maslash. It is a 7-point scale, ranging from 0 (never) to 6 (every day), complemented by a semi-structured interview, sociodemographic information, like gender, age, religion, number of workplaces, working in night shifts, among others. The method involved quantitative data analysis by SPSS, version 11.5, and content analysis to assess the social representations of being a teacher, as well as the advantages and disadvantages of this profession. The results showed worrying levels in the high level of depersonalization (31.8%) and Average Personal Involvement at Work in 10.6% of the sample. In addition, 42.3% had medium to high levels in emotional exhaustion. These results are in agreement with the social representation of teachers on "being a teacher". Social representations were associated with labor difficulties, this is 26.4% of statements elicited in this category, related to fatigue, devaluation, pressure, lack of time, hard work, etc.. So a good portion of Teachers presented stages of very considerable burnout, but treatable.

Keywords: Teachers, burnout syndrome, Occupational stress,

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA e bolsista Pibic/FUNCAP. (julia.rosa.ss@hotmail.com).

² Psicóloga e Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA e da Universidade Federal do Ceará – UFC. (gislenefarias@gmail.com).

³ Pedagoga e Professora do Instituto Federal do Ceará – IFCE. (siqueiramonica@hotmail.com).

⁴ Graduada em farmácia, Mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente pela UECE.

Introdução

As novas formas de se estruturar os processos de trabalho, as novas tecnologias de informação e de produção disponibilizadas, tanto às empresas como às Instituições educacionais, e todo conhecimento hoje disponível sobre as doenças ocupacionais, ainda não foram eficazes em fornecer estratégias para minimizar a problemática do estresse. A própria medicina demorou a se aperceber sobre os efeitos do ambiente para a saúde mental das pessoas no seu trabalho, incluindo-se aí as relações interpessoais nele existentes.

A qualidade de vida laboral foi estudada por Dejours (1992), no final do século, agregando grandes contribuições a este campo do saber. A medicina, à partir de então, passou a cobrar mais estudos relacionados ao labor, com foco na saúde dos trabalhadores. Foram priorizados os aspectos ergonômicos, tais como higiene, ruídos, iluminação, anatomia do mobiliário e, exposição a agentes de risco (físicos, biológicos, químicos, elétricos e segurança).

À partir das novas exigências sindicais quanto às medidas preventivas para um maior aparato em termos da saúde mental e emocional dos trabalhadores, foram ampliadas as possibilidades de resguardo à saúde mental das pessoas no trabalho, antes mais valorizadas nos seus aspectos físicos e/ou fisiológicos (DEJOURS, 1992).

O surgimento de cada vez mais pesquisas na área da psicopatologia, tem comprovado que a atividade laboral influencia, não somente na produtividade das pessoas, mas também na sua autoestima, Bem-Estar Subjetivo e, na Qualidade de Vida Emocional, dentre outras dimensões. A Psicologia do trabalho passa a incluir enfermidades psicológicas e psicossomáticas no âmbito das doenças laborais. Evolui dessa forma, a idéia de que, tanto a maneira de trabalhar, quanto os relacionamentos interpessoais, trazem implicações à saúde mental do trabalhador (ALEVATO (1999).

Alguns autores como Domenico De Masi (1999) consideram que, fatores como a velocidade das informações, o avanço tecnológico e, as rápidas decisões possibilitadas pela tecnologia da Informação, imprimem uma transformação muito rápida do mundo em que vivemos. Esta situação tem um impacto direto nas relações de trabalho e nas formas de produzir bens e insumos, que passam a ser mais mecanizadas, diminuindo as ofertas de trabalho não intelectualizado. Surge então o que o autor denomina de ócio criativo cultural.

Os estudos sobre estresse e Síndrome de *burnout* no Brasil, tem como principais referências os trabalhos de Marilda Lipp (1984) e Benevides-Pereira (2002). Estes estudos repercutiram numa maior atenção aos aspectos da Prevenção psicológica, no ambiente de trabalho. No Brasil, é a Lei 8.213/91 e o decreto 3.048/99, que reconhecem as doenças ocupacionais. Dentre tantas outras, a depressão, o Estresse, a Síndrome de *burnout* e, a hipertensão, surgem como possibilidades de associação ao tipo de trabalho desenvolvido, desde que comprovadas junto ao órgão competente da Previdência Social (BRASIL, 1999).

O Brasil ocupa uma posição de destaque quando o assunto envolve estresse ocupacional (DOMENICH, 2002). O estudo de Domenich envolveu diversos países como Alemanha, Estados Unidos, França, Israel, Brasil, China, Japão, Hong Kong e Fiji e, demonstrou que o Brasil encontra-se em segundo lugar em relação ao número de trabalhadores com Síndrome de *burnout*. Entre eles, 70% são afetados diretamente pelo Estresse ocupacional. No Japão esse número é bem elevado, chegando a 85% dos trabalhadores com estresse crônico. 70% manifestam sintomas da “Síndrome de *burnout*”.

O exposto sugere a necessidade de um estudo continuado sobre a Síndrome de *burnout*, nas diversas áreas laborais, para que se possa definir estratégias de enfrentamento cada vez mais eficazes.

O Estresse no ambiente de trabalho

Segundo Rodrigues (1997), o stress é uma palavra que, etimologicamente deriva do latim e, significa desde adversidade, aflição, avançando posteriormente para significar pressão ou esforço. Foi no início do século XX, que estudiosos demonstraram um maior interesse sobre os seus efeitos na saúde física e emocional de trabalhadores.

Hans Selye (1959) foi um dos precursores do estudo da temática, resgatando o conceito de stress da física, para a saúde, conceituando-o como uma adaptação organísmica frente a uma situação de perigo iminente. Uma espécie de metáfora associada ao grau de deformidade sofrida por alguns materiais, quando submetidos a um esforço. Selye descreveu ainda, sintomas que seriam associados ao estresse, como Síndrome

Geral de Adaptação, com três fases sucessivas e observáveis: alarme, resistência e esgotamento. As doenças físicas mais sérias como úlceras, artrites, hipertensão arterial, ou lesões cardíacas seriam derivadas da fase de esgotamento. No Brasil, é possível o uso das duas nomenclaturas: Stress ou Estresse.

Rodrigues e Gasparini (1992), relataram a possibilidade de dois tipos de estresse: o estresse positivo, ou *eustresse*, e um estresse negativo (*distresse*), sendo que ambos podem causar reações fisiológicas similares: mãos e pés frios ou suados, coração acelerado, pressão arterial mais alta que o normal, etc. Emocionalmente, o *eustresse* tende a motivar e estimular as pessoas a lidarem melhor com a situação ameaçadora. Ao contrário, o *distresse* intimida o indivíduo, encorajando sua fuga da situação ameaçadora (RODRIGUES e GASPARINI, 1992).

A Síndrome de Burnout

A Síndrome de *burnout*, diz respeito a um tipo particular de estresse, que acomete pessoas que trabalham com outras pessoas. É a Síndrome do Esgotamento Profissional, estudado um como fenômeno psicológico por Herbert Freudenberger em 1974. Christina Maslach, psicóloga interessada pela temática, desenvolveu posteriormente, uma medida para a síndrome: o *Inventory Maslach Burnout*. Uma escala que investiga a influência da carga emocional do trabalho e seu impacto no comportamento dos profissionais no ambiente de trabalho.

O *burnout* sempre foi divulgado como uma síndrome psicológica, decorrente da tensão emocional crônica. Esta síndrome difere do estresse genérico, pois geralmente incorpora sentimentos de fracasso e menor valia. Os principais indicadores medem três dimensões emocionais: exaustão emocional, despersonalização e diminuição de realização pessoal, a saber: a) Exaustão emocional – revela sentimentos de esgotamento energético emocional e fadiga associada. Reflete o estresse individual; b) Despersonalização – é revelado através das atitudes negativas de rudeza no trato interpessoal e distanciamento excessivo dos profissionais em relação aos colegas ou clientes. Representa o aspecto interpessoal; c) Diminuição da realização pessoal – Esta é associada ao sentimento de incapacidade e incompetência, relativamente a percepção de um desempenho insatisfatório no trabalho. (CODÓ e VASQUES-MENEZES, 2000).

Pelo exposto, fica caracterizada a necessidade de se conhecer algo mais sobre a Síndrome de *burnout* em Professores do Colégio Estadual Wilson Gonçalves, em Crato, estado do Ceará, por tratar-se de uma escola pública de Ensino médio, tradicional neste município, que conta com um contingente de 40 professores efetivos, para um total de 1.115 alunos, perfazendo uma média de quase 27,8 alunos por docente. Quase o máximo recomendado pela Unesco e Organização Internacional do Trabalho, cuja sugestão está entre 20 e 30 alunos/professor. O número excessivo de alunos tende a levar o professor a elevados níveis de estresse, prejudicando o seu rendimento e o rendimento do aluno, o que por si só, já justificaria a escolha desta instituição educacional. Para minimizar o problema, a escola contrata temporariamente, cerca de 18 docentes, melhorando esta proporção para 19,2% alunos por docente.

Método

A pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer a saúde emocional dos professores do Colégio Estadual Wilson Gonçalves em Crato, Ceará, Instituição pública de Ensino Médio, localizada no Sul do Ceará, através do Inventário de Burnout de Maslach (MBI). Esta pesquisa se constitui num substrato de informações que representa, potencialmente, um valioso subsídio para qualquer iniciativa de intervenção junto a essa população específica.

A coleta de dados foi realizada no período de junho a setembro de 2012. A amostra foi de conveniência, uma vez que contou apenas com a participação daqueles que se dispuseram a responder. A abordagem constou da aplicação de questionário estruturado, contendo dois blocos de perguntas que procuravam conhecer os seguintes aspectos: (1) Síndrome de *burnout*; (2) Características sócio-demográficas, detalhados a seguir:

1 - *Inventário de Burnout de Maslach*. Instrumento que, segundo Gil-Monte e Peiró (1999), é atualmente, o mais utilizado para avaliação do *burnout*. O MBI - *Maslach Burnout Inventory*, foi elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson no ano de 1978. Procura mensurar três dimensões, da síndrome: exaustão emocional,

despersonalização e realização profissional. O MBI avalia, considerando a percepção dos trabalhadores sobre essas dimensões (MASLACH, 1993).

Para medir os índices de *burnout* de cada dimensão, considera-se que altos escores em exaustão emocional e despersonalização, bem como baixos escores em realização profissional indicam alto nível de *burnout* (MASLACH e JACKSON, 1986).

No presente estudo, o MBI (*Maslach Burnout Inventory*), foi utilizado em educadores para medir, com que frequência os sujeitos experimentam sentimentos típicos do *burnout*. A escala consta de 16 itens, medindo respectivamente: Exaustão emocional (cinco itens); Despersonalização (cinco itens) e Envolvimento Pessoal no Trabalho (seis itens), numa escala Likert de 7 níveis, variando de “0 = nunca” a “6 = todo dia”.

2 - *Características Sócio-Demográficas*. Retratam o perfil da amostra, através de Questões tais como: sexo, idade, profissão, tempo em que trabalha na docência, religião, renda média, dentre outras.

A análise dos dados, foi realizada através de estatísticas descritivas, viabilizadas pelo pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), na versão 11.5. A margem de erro utilizada foi de, mais ou menos, cinco pontos percentuais, com intervalo de confiança de 95%. O erro amostral, ferramenta que identifica, o quanto os resultados de um estudo podem variar, foi de 5%.

Com relação às questões abertas, reveladoras das Representações Sociais de “ser professor” e, sobre as “vantagens e desvantagens” de ser professor, estas foram agrupadas em categorias, de acordo com a Análise de Conteúdo utilizada por Laurence Bardin (2010).

O presente estudo atendeu às determinações da Resolução 196/96 que trata sobre a ética na experimentação com seres humanos.

Resultados

Fizeram parte deste estudo 19 professores, funcionários do Colégio Estadual Wilson Gonçalves, localizado no bairro Pimenta em Crato, Ceará e, que não se opuseram à participação. Suas idades variaram entre 24 a 57 anos (média 36,4. Dp= 8,802), a maioria do sexo feminino (63,2%) contra 31,5% do sexo masculino, sendo que um não respondeu a este item.

A seguir, a distribuição de frequência relacionada ao sexo e as idades dos respondentes.

Tabela 1: Distribuição do sexo e idade dos sujeitos da pesquisa

Profissão	Frequência	Percentual (%)		
Masculino	6	31,5		
Feminino	12	63,2		
Não respondeu	1	5,3		
	19	100,0		
	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	24	57	36,42	8,802

Crato - CE, 2012.

Outro aspecto importante a ser considerado foi a religião, cujos resultados encontram-se disposto na tabela abaixo.

Tabela 2: Religião dos sujeitos da amostra

Religião	Frequência	Percentual (%)
Católica	10	52,6
Evangélica	3	15,8
Espírita	2	10,5
Não respondeu	4	21,1
	19	100,0

Crato- CE, 2012.

Neste aspecto os respondentes se auto-denominaram como Católicos (52,6%), Evangélicos (15,8%), Espíritas (10,5%) e quatro (4) pessoas não responderam a este item (21,4%). Observa-se que, uma grande parcela parece engajada com os preceitos de alguma religião (78,9%).

A Religião, em alguns estudos (NICARETTA, RIBEIRO e BARBOSA, 1995; PETRAITIS, FLAY e MILLER, 1995; FORMIGA, 2005), tem sido apontada como uma medida protetiva quanto a comportamentos delitivos ou anti-sociais. A religião parece facilitar que as pessoas possam aderir às normas sociais, bem como aos valores morais como uma proteção, relacionada a eventos desencadeadores de estresse laboral.

Assim, o investimento em programas de intervenção entre os educadores ajudando-os a refletirem os valores normativos e sociais, poderia resultar em consequências positivas, promotoras de uma reelaboração de determinadas situações conflituosas. Provavelmente levando a inibição de tendências desviantes das normas sociais, preservando dessa forma, a saúde psicológica e social dos envolvidos.

Na tabela 3, são apresentados os dados referentes a autopercepção quanto a renda familiar dos participantes do estudo.

Tabela 3: Renda familiar dos sujeitos da amostra

Renda familiar	Frequência	Percentual (%)
Baixa	3	15,8
Média	15	78,9
Alta	-	-
Não respondeu	1	5,3
Total	19	100,0

Crato - CE, 2012.

Com relação a Renda familiar, os sujeitos se autodenominaram com Renda familiar Baixa (15,8%) e Média (78,9%). Um sujeito não respondeu a este item (5,3%). Nenhum sujeito se autodenominou com Renda familiar Alta.

A seguir, demonstra-se na tabela 4, o número de locais de trabalho dos participantes.

Tabela 4: Número de locais de trabalho dos sujeitos da amostra

Número de locais de trabalho	Frequência	Percentual (%)
Um	3	15,8
Dois	10	52,6
Três	2	10,5
Quatro	3	15,8
Não respondeu	1	5,3
Total	19	100,0

Crato - CE, 2012.

Quanto ao número de locais de trabalho, os sujeitos se distribuíram da seguinte forma: Os que atuam em apenas um local de trabalho (15,8%); os que atuam em dois locais de trabalho (52,6%); os que atuam em três locais de trabalho (10,5%) e os que atuam em quatro locais de trabalho (15,8%). Um sujeito não respondeu a este item (5,3%).

Neste caso há um agravante, pois 78,9% dos respondentes, afirmaram trabalhar em pelo menos, dois locais de trabalho diferentes. Assim, a sobrecarga de tarefas no trabalho parece ser um dos motivos que leva ao estresse no ambiente laboral. Isso ocorre devido às exigências que nos são impostas em cada um dos ambientes laborais e que, quase sempre, ultrapassam nosso limite de capacidade de adaptação. São elas, Segundo Rodrigues (1997): a) a urgência do tempo; b) a responsabilidade excessiva; c) a falta de apoio; e, d) as expectativas contínuas de nós mesmos e daqueles que estão a nossa volta.

Segundo Sivieri (1994), a saúde do trabalhador tende a ficar comprometida, quando este começa a exercer múltiplos papéis na organização em que trabalha, agregando responsabilidades para si. Dessa forma, tende a

instalar-se a fadiga e o desgaste profissional, sintomas que alienam o educador do processo criativo e produtivo a ponto de gerar danos psicológicos.

O mesmo autor chama atenção ainda, para o fato de que, as organizações capitalistas, em termos de processo de trabalho, exigem grande energia de adaptação do homem ao seu fazer laboral. Essas exigências tendem a afetar significativamente o ritmo físico e psicológico do indivíduo, gerando as doenças do trabalho, especialmente o estresse, pois são cobrados excessivamente, sempre no intuito de superar a capacidade de adaptação profissional.

Rodrigues (1997) ressalta que, atualmente o mercado de trabalho sofre mudanças variadas, reduzindo o emprego regular, mais estável, em favor do trabalho temporário, mais instável. Dessa forma, as relações de trabalho passam a funcionar com: colaboradores em tempos parciais, pessoas com contrato por tempo determinado, terceirizados ou temporários, etc, precarizando as condições de trabalho.

Situações assim, tendem a afetar os salários e a oferta de melhores postos de serviços, comprometendo a saúde dos trabalhadores, podendo estes, correrem o risco de sofrerem acidentes ou contrair alguma doença, inclusive no próprio local de trabalho.

No caso deste estudo, podemos constatar que a carga excessiva de trabalho, o nível de instabilidade no emprego e a conseqüente competição exagerada no ambiente laboral, irá provocar um aumento de estresse no educador.

A seguir, a tabela 5 mostra a distribuição dos participantes quanto ao regime de trabalho noturno.

Tabela 5: Distribuição do trabalho em regime noturno dos sujeitos da pesquisa

Trabalha em regime noturno	Frequência	Percentual (%)
Sim	14	73,6
Não	4	21,1
Não respondeu	1	5,3
Total	19	100,0

Crato - CE, 2012.

Com relação ao trabalho noturno, 73,6% dos sujeitos afirmaram exercer trabalho no horário noturno e 21,1% responderam negativamente a este item.

A fadiga é uma das maiores e fundamentais queixas dos trabalhadores associadas ao estresse e, tende a estar presente nas falas dos educadores noturnos. Outros trabalhadores noturnos que trabalham em regime de plantão também têm suas satisfação com a vida comprometidas por conta do horário laboral (OLIVEIRA et al, 2009).

Segundo Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989), podem causar acidentes de trabalho devido ao desequilíbrio orgânico, estes, facilitados pela presença de tensões e conflitos na rotina de trabalho cotidiana. Todos estes fatores desencadeiam um processo de fadiga, que, segundo os autores, podem vir a se tornar muito prejudicial, notadamente nos finais dos turnos. Além disso, há também a influência dos horários nos diversos turnos, sobre a vida do trabalhador. E, pode-se observar que o horário está diretamente ligado ao seu cotidiano ou seja, pode acarretar importantes dificuldades na vida familiar e social.

Para uma melhor compreensão da dinâmica do estresse laboral nos educadores da amostra, foi necessário também observar algumas questões qualitativas, a saber:

Com relação a questão sobre *ser professor e, quando foram estimulados a falar três palavras que lembram professor, as palavras eliciadas foram distribuídas nas seguintes categorias, a saber:*

CATEGORIA 1 – POSITIVA, com três sub-categorias:

Sub-Categoria 1 – Professor associado a Função Docente (Ajudar e Fazer), com 24 eliciações (36,1% das falas): *ajudar; ouvir, educador(2), propagador, perseverança, sábio, realização, contribui para a transformação social, transformação do indivíduo, contribui para o futuro das pessoas, melhorar o destino do país, eficiente com você mesmo, ensinar, educar, escolha social, importante para todas as profissões, melhorar a cultura do país, orientar, ensinar algo relevante, participar e contribuir, realizar o processo educacional, sociedade melhor*

Sub-Categoria 2 – Professor associado ao Conhecimento (Saber), com 13 eliciações (19,5% das falas): *aprender, cultura, política, educação (2), futuro, profissão, conhecedor, difusão do conhecimento,*

instrumento de transformação do conhecimento, referência para o educando, pessoa que aprende, pessoa que orienta e ensina para além dos conteúdos .

Sub-Categoria 3 – Professor associado às questões relacionadas ao Ser e ao Sentir, com 12 eliciações (18% das falas): *respeito, esperança, livre, paciência, dedicação, amor, orgulho, piedade, sentir a felicidade no olhar do aluno, satisfação de ter aprendido, sonhador, realizador.*

CATEGORIA 2 – **NEGATIVA** com uma sub-categoria:

Sub-Categoria 1 – Professor associado a Dificuldades laborais, com 17 eliciações (26,4% das falas): *desvalorização, estresse, cansaço físico e mental (4), pressão, falta de tempo, baixos salários, falta de educação, problemas, sofrimento (2), .muito trabalho (2), dor de garganta, tristeza , impaciência, alguém que rema contra a maré.*

Com relação às Vantagens e Desvantagens de ser professor, estas foram agrupadas nas seguintes categorias, a saber:

CATEGORIA 1 – **Aspectos ligados às instituições, desvalorização do profissional e/ou ao descaso governamental** com 28 eliciações (48,0% das falas):: *alunos que não tem pais e professores fazem as vezes de pais, cansaço físico e mental(3), trabalho demais(2), carga horária excessiva, falta de reconhecimento, cobrança, desvalorização (5), sobrecarga (3), desgaste físico e mental, salário baixo (4), sistema equivocado (2), falta de tempo, estressar-se muito, indisciplina, obrigação de ser salvador da pátria, sentir-se enganado pelo poder,*

CATEGORIA 2 – **Contribuição para a aprendizagem e para a Formação do cidadão**, com 19 eliciações (32,5% das falas): *Adquirir conhecimento, aprendizado dos alunos, formação de cidadãos críticos, aprendizagem contínua, Vocação, estudar continuamente, conhecer, transmitir conhecimentos, conhecer realidade, contribuir para aperfeiçoamento, ser que aprende, futuro dos jovens, melhoras para a sociedade, visão crítica, hipócritas a menos, intelectual, reciclagem, conhecimentos, transformação das pessoas e da sociedade.*

CATEGORIA 3 – **Contribuição para a Relação Humana**, com 11 eliciações (19,5% das falas): *engrandecimento pessoal, fazer o que gosta, interação com idades diferentes, carinho, respeito dos alunos, ser dono de sua vida, fazer amigos, poder ajudar, ajudar as pessoas, contato com as pessoas, conhecer muitas pessoas.*

De acordo com as classes de respostas eliciadas pelos sujeitos, quanto às vantagens e desvantagens de ser professor, pode-se observar que os sujeitos apresentam **duas categorias positivas**, inerentes à atividade docente, valorizando sua mediação no processo de ensino-aprendizagem nos levando a supor que, o resultado desse processo não lhe é indiferente (Categoria 2 – Contribuição para a aprendizagem e para a Formação do cidadão, com 32,5% das falas e, Categoria 3 – Contribuição para a Relação Humana, com 19,5% das falas) e, **uma categoria negativa**, apontando a falta de valorização, de condições adequadas de trabalho e salário como fatores que mais dificultam o bom desenvolvimento do trabalho docente (Categoria 1 - Aspectos ligados às instituições, desvalorização do profissional e/ou ao descaso governamental com 48,0% das falas).

Com relação aos índices de Síndrome de **burnout**, os resultados estão dispostos na tabela 6, a seguir.

Tabela 6: Síndrome de Burnout nos funcionários da amostra

Nível de Burnout	Baixo	Médi	Alto
<i>Exaustão Emocional</i>	57,7%	37,0%	5,3%
<i>Despersonalização</i>	47,4%	21,1%	31,5%
<i>Envolvimento Pessoal no Trabalho</i>	-	10,6%	89,4%

Crato - CE, 2012.

Com relação a Síndrome de *burnout* entre os sujeitos da pesquisa, constatou-se os seguintes resultados: Exaustão emocional - 57,7% no nível baixo, seguido de 37,0% no nível médio e 5,3% no nível alto; Despersonalização - 47,4% no nível baixo; 21,1% no nível médio e 31,5% no nível alto; Envolvimento pessoal no trabalho – 10,6% no nível médio e 89,4% no nível alto. Os níveis (alto, médio e baixo) foram tomados, considerando-se médias adotadas pelo Gepeb – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout (BENEVIDES-PEREIRA, 2002), apresentadas também por Volpato et al. (2003) como valores-padrão das médias da população brasileira.

Estes dados demonstram que as possibilidades de desenvolvimento de síndrome de *burnout*, com esta amostra de professores, é preocupante. Mas há, pelo menos, seis funcionários (36,8%) que demonstram sinais

preocupantes. Este aspecto fica demonstrado tanto quando temos 31,5% da amostra com alto nível de despersonalização, quanto temos 10,6% com um nível médio de Envolvimento Pessoal no Trabalho. As Representações Sociais negativas, associadas ao *ser professor*, com 26,4% das falas e as desvantagens citadas em 48% das falas eliciadas, reforçam esta tese.

Silva (2000), citando França e Rodrigues, propõe algumas estratégias de prevenção à Síndrome de *burnout*: a) aumentar a variedade de rotinas, para evitar a monotonia; b) prevenir o excesso de horas extras; c) dar melhor suporte social às pessoas; d) melhorar as condições sociais e físicas de trabalho; e, e) investir no aperfeiçoamento profissional e pessoal dos trabalhadores.

Conclusões

À partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que os educadores do Colégio Estadual Wilson Gonçalves revelaram altos níveis de exaustão emocional, o que implica na possibilidade de esgotamento físico e mental. Os altos níveis de despersonalização, podem desencadear sentimentos de frieza e indiferença para com os que estão à sua volta, como colegas de trabalho, alunos, superiores e familiares.

Quanto à reduzida realização profissional, esta se revelou em apenas 10,6% da amostra. Esta dimensão tende a causar falta de motivação e insatisfação com as atividades do trabalho, fazendo com que estes trabalhadores julguem-se incapazes de cumprir as demandas de sua função. A combinação desses três fatores representa séria ameaça à saúde do profissional da educação, acarretando um comprometimento de seu trabalho, o que exige uma intervenção imediata à síndrome.

O percentual de professores pesquisados com índice elevado em Exaustão Emocional já parece revelador de um processo de *burnout* em curso. Segundo Maslach e Jackson (1981), o *burnout* é um processo que se desenvolve em etapas, sendo uma das primeiras a exaustão emocional. Codo (1999), realizou um estudo com trabalhadores da educação no território brasileiro, e observou que em 48,4% da amostra, havia trabalhadores acometidos da síndrome de *burnout*, com níveis elevados em pelo menos uma das subescalas.

Carlotto (2004) nos orienta que a ocorrência da síndrome de *burnout* em educadores, já poderia ser considerada um problema social relevante, pois acarreta grandes custos organizacionais, implicando em rotatividade de pessoal, problemas com a produtividade, absenteísmo, bem como, comprometimento da qualidade do serviço prestado.

Os resultados referentes ao perfil sociodemográfico dos professores pesquisados, apresentados neste estudo, revelaram um grupo predominante feminino, perfil muito similar ao dos estudos de Codo (1999) e, estudos de Volpato (2003), com professores de escolas municipais de Maringá, no Paraná, cujas amostras tinham a grande maioria dos educadores do sexo feminino.

Em resumo, observou-se indícios de Síndrome de *burnout* na amostra apresentada. Recomenda-se outros estudos da temática que utilizem um universo maior de sujeitos e, em diversas escolas no interior do Ceará, caracterizando a síndrome nesta região brasileira.

O apoio social das relações interpessoais no trabalho podem melhorar o Bem-Estar e Satisfação com a Vida das pessoas (NERI, 2004). Dessa forma, estudos que envolvam estes argumentos, podem ajudar na compreensão das variáveis mais significativas, promotoras de melhores condições de saúde laboral, esclarecendo melhor sobre a temática da Síndrome de *burnout*.

Referências

ALEVATO, Hilda. **Trabalho e Neurose**: enfrentando a tortura de um ambiente em crise. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (Org). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRASIL. Decreto n. 3.048/99, Regulamento da Previdência Social em apenso, Anexo II, Grupo V – CID-10, item XII, 1999.

CARLOTTO, M.S.. Síndrome de burnout e características e cargos em professores universitários. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v.42, n.2, p.145-162, 2004.

CODO, W. e VASQUES-MENEZES, I. **Burnout**: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Cadernos de saúde do trabalhador: trabalhadores em educação, v.14, p.29-48, 2000.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho** – Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5ª ed., São Paulo: Cortez Editora – Oboré, 1992, p. 14-25

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; Brasília, DF: Editora UnB, 1999.

DOMENICH, Mirella. Síndrome de *Burnout*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de junho de 2002, Caderno Empregos, p. 01.

FORMIGA, N. S. Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática** 7 (2), 134-170, 2005.

GIL-MONTE, P. R., & PEIRÓ, J. M. **Desgaste psíquico en el trabajo: El síndrome de quemarse**. Madrid: Sínteses, 1997.

LIPP, M. (1984). Stress e suas implicações. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.1, n.3 e 4, p. 5-19, ago/dez.

MASLACH, C. (1993). Burnout: A multidimensional perspective. Em W.B.Schaufeli, C. Maslach & T. Marek (Eds.), **Professional burnout: Recent developments in theory and research** (pp.19-32). New York: Taylor & Francis.

MASLACH, C., & JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, 2, 99-113, 1981.

_____. (2nd ed). **Maslach Burnout Inventory**. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press, 1986.

MASLACH, C., S.E., JACKSON & LEITER, M. P. **The Maslach Burnout Inventory — Test manual**. Palo Alto, CA. Consulting Psychologist Press, 1996.

NERI, A. L. (2004). **O que a psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje**. Em A. L. NERI & M. S. YASSUDA (Orgs), M. Cachioni (Colab.), **Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos** (pp.13-27). Campinas: Papyrus.

OLIVEIRA, G.F.; BARBOSA, G.A.; SOUZA, L.E.C.; COSTA, C.L.P.; ARAÚJO, R.C.R; GOUVEIA, V.V. Satisfação com a vida entre profissionais de saúde: correlatos demográficos e laborais. **Revista bioética**. 2009. 17(2). P.319-334.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1.

PETRAITIS, J.; FLAY, B. R. e MILLER, T. Q. Reviewing theories of adolescent substance use: Organizing pieces in the puzzle. **Psychological Bulletin**, 117, 67-86, 1995.

RODRIGUES, A. Stress, trabalho e doenças de adaptação. in: Franco, a.c.l. & Rodrigues, a.l. (1997). **Stress e trabalho: guia prático com abordagem psicossomática**. São Paulo: Atlas, cap. 2.

RODRIGUES, A. L. e GASPARINI, A. C. L. F. (1992). **Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via stress e trabalho**, in: Mello Filho, J. de (org.) *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 93-107.

RUTENFRANZ, J., KNAUTH, P., FISCHER, F.M.. **Trabalho em turnos e Noturnos**. São Paulo: 1989. Hucitec

SIVIERI, H. L. Saúde no trabalho e Mapeamento dos Riscos. **Saúde Meio Ambiente e Condições de Trabalho**, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, cap. 8, p. 75-82. (Mimeo).

SELYE, H. (1959). **Stress, a tensão da vida**. São Paulo: Ibrasa - Instituição Brasileira de Difusão Cultural.

SILVA, Flávia Pietá Paulo da. **Burnout: um desafio à saúde do trabalhador**. PSI – Revista de psicologia social e institucional. Londrina, vol. 2, n.01, jun. 2000. Disponível em: <<http://2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n15.htm>>. Acesso em: 10 de jan. 2003

TAMAYO, A.; NICARETTA, M.; RIBEIRO, R. e BARBOSA, L. P. G. Prioridades axiológicas y consumo de drogas. **Acta Psiquiátrica y Psicológica de la America Latina**, 4, 300-307, 1995.

VOLPATO, Daiane Cristina et al. **Burnout: o desgaste dos professores de Maringá**. Revista Eletrônica Interação Psy, ano 1, n.1, p.90-101, 2003.

